

## *Cônsul Geral de Cabo Verde Aguiinaldo Paulo da Silva Rocha*

Muito bom dia a todos!

Gostaria de cumprimentar a mesa e meu amigo o Dr. Pimentel. A todos os presentes o meu abraço e sinceros agradecimentos pela oportunidade de falar um pouco de Cabo Verde.

Como todos já sabem, Cabo Verde e Brasil são, nada mais, nada menos que uma doce cumplicidade.

Cumplicidade porque ousou dizer que se temos um Brasil brasileiro. Se temos um Brasil muito irracional e se temos um Brasil lusófono, a origem de tudo isso está na linha Portugal, Cabo Verde e Brasil. Tanto que se não houvesse Cabo Verde descoberto quarenta anos antes do Brasil, quem sabe não teríamos esse Brasil de hoje.

Visto que Pedro Álvares Cabral, antes de desembarcar no Brasil, chegou primeiro à Ilha de São Nicolau, em Cabo Verde, onde apanhou plantas, água, animais, combustíveis etc.

Continuando, se não houvesse o Tratado de Tordesilhas, dividindo o mundo entre espanhóis e portugueses, talvez hoje nós fôssemos diferentes do que somos, ou seja, lusófonos com muita honra.

Portanto, essa cumplicidade que a história também nos privou porque, durante muito tempo, não era possível falar de fraternidade e não era possível compartilhar o que tínhamos em comum nas vicissitudes da história.

Mas história é história. História serve de referência e a história não vai atrapalhar a nossa visão futura do mundo, da lusofonia, da amizade particular, de Portugal, Brasil, Cabo Verde, Angola, Moçambique etc. Então é um pouco isso que eu queria fazer como introdução.

Refleti sobre as imagens do audiovisual apresentadas (Os Grandes Desafios) dos grandes temas que foram abordados. Quem sabe existe alguma expectativa vossa para saber como anda o analfabetismo, a fome, as doenças endêmicas, a biodiversidade, como vai Cabo Verde como um todo.

Começaria pelo o analfabetismo.

Nós temos a honra de dizer que logo na independência em 1975, elegemos com prioridade máxima, como mola mestra do desenvolvimento e educação, levando escolas primárias, secundárias e técnicas para todas as ilhas de Cabo Verde, chamando para nós a responsabilidade de produzir uma população alfabetizada e uma com alguma formação técnica de verdade.

Não foi muito difícil para nós. Por quê?

Porque vocês sabem que o país que foi privilegiado em matéria de educação por Portugal foi exatamente Cabo Verde. Por que?

Porque Cabo Verde é que serviu de ponto de partida e de experiência para a colonização portuguesa. Lá foi feita a primeira escola fora do continente. Lá foi feito o primeiro Liceu. Lá foram feitas todas as experiências em termos de plantas, animais etc, inclusive as que vieram ao Brasil, trazendo para vocês a cana sacarina etc.

Essa facilidade já é histórica. Portugal elegeu Cabo Verde por força, também, das circunstâncias, porque não havia ninguém lá. Não tinham habitantes. Eram os portugueses, mais os negros da África Ocidental, que povoaram aquelas dez ilhas. Dez ilhas que estão bem perto de vocês. Somos o vizinho do Atlântico mais próximo do Brasil, porque nós estamos apenas três horas - três e não treze - três horas e meia do vôo de Fortaleza. Estamos três horas e meia do vôo

de Lisboa. Estamos a uma hora do vôo do Senegal. Estamos a seis horas e meia do vôo de Boston. Então estamos extremamente bem situados.

Talvez, essa posição geográfica tenha facilitado também essa idéia de aprender e conhecer outras culturas e costumes.

Portanto, o analfabetismo em Cabo Verde é praticamente inexistente em termos de jovens com idade inferior a 16 anos.

Digo para vocês também que aqueles analfabetos adultos foram recuperados, porque as escolas serviam de dia para as crianças e à noite para os adultos.

Hoje temos um percentual muito fraco na educação de adultos, em torno de 12%, o que não é nada, sabendo que temos apenas 33 anos de independência. Considero a nossa batalha pela educação, a batalha da alfabetização, vencida em Cabo Verde.

Mas nós não nos contentamos em apenas alfabetizar. Quisemos também criar os quadros para o desenvolvimento do país. O Dr. Pimentel fez uma colocação, aqui, que para nós já é fundamental: a educação, a formação.

A formação tem que ser o elemento fundamental do desenvolvimento de qualquer país, grande, pequeno, rico ou pobre. Se não houver educação não há desenvolvimento. Então ficamos com um empenho muito grande.

Além do Liceu e da escola primária, criamos as escolas técnicas; e digo que o Brasil acaba de inaugurar em Cabo Verde uma unidade do Senai na Capital, a Cidade da Praia, na Ilha de São Tiago. Isso é para dizer que estamos cuidando da educação técnica, graças ao apoio do Brasil.

Quanto a formação superior e técnica, recebemos um apoio determinante de Portugal naturalmente. Fomos os primeiros universitários africanos na Universidade de Coimbra e de Lisboa. Temos mais de 1.200 estudantes universitários em Portugal; por favor, não fiquem com ciúmes de Portugal; temos aqui no Brasil perto de 1.000 estudantes.

Só que quando do início do Ano Letivo em Portugal, que é Outubro, eles ultrapassam o Brasil, e quando dá o início do Ano Letivo no Brasil, que é Fevereiro, a gente chega lá também.

Então, temos toda essa gente estudando no Brasil em todos os Estados, em todas as boas universidades brasileiras, nas instituições federais, estaduais e privadas. Aqui faço uma nota especial com muito orgulho: é que os rotários, através da Fundação Rotariana de São Paulo, e do Dr. Pimentel, negociamos e conseguimos que ele assumisse o compromisso, que está em andamento. Não é teoria. Já temos dez estudantes de Cabo Verde se formando lá na Faculdade Rio Branco em São Paulo.

Alguém pode dizer: por que formar no Brasil e não mais em Cabo Verde?

Eu acho que é uma questão muito pertinente, mas as coisas devem ser feitas step by step, etapa por etapa, e as duas coisas não se excluem, ou seja, é preciso formar em Cabo Verde e é preciso formar aqui, em Portugal, nos Estados Unidos e na França etc. Até porque, no caso concreto de Cabo Verde, a taxa de retorno dos estudantes que estão no Brasil é, praticamente, 99,9%. Raramente alguém fica aqui.

Se ficar, muitas vezes, por coisas do coração que não impedimos, porque achamos muito bem. Afinal de contas, a gente está falando de cultura e de mistura de cultura e de encontro de povos. Isso existe e é muito insignificante.

Também nós tomamos as precauções, ou seja, os diplomas universitários ou técnicos não são entregues aos estudantes. Os diplomas são entregues a mim ou ao embaixador; ou então, enviados à embaixada do Brasil em Cabo Verde ou ainda ao Ministério da Educação de Cabo Verde. Ou seja, a gente não facilita, aqui no Brasil. Eles voltam para dar o contributo ao desenvolvimento do seu país.

Nós estamos com o quadro sinceramente favorável, até por que, há um ano e meio atrás, fundamos a nossa Universidade em Cabo Verde, e aí, mais uma vez, com o concurso da Universidade de Nova de Lisboa, Universidade de Coimbra, concurso da Universidade de Brasília, a Federal do Rio Grande do Sul e outras.

Temos um intercâmbio muito profícuo de professores brasileiros e também portugueses, naturalmente. Nesse intercâmbio para a fundação da universidade, temos uma universidade francesa parceira. Então, estamos e continuamos apostando na formação como um todo.

Quanto a outro aspecto falado aqui que eu acho muito importante é a fome.

Quando eu era estudante e fiquei dez anos estudando e também tínhamos o ímpeto revolucionário na pele, a gente dizia que a fome é a coisa mais reacionária que existe, porque quem tem fome não raciocina. Quem tem fome quer matar a fome.

Então esse tema é extraordinário. Na universidade onde estudei, cansamos de fazer greve de fome política, porque mataram na Espanha, porque os russos invadiram a Polônia, porque havia necessidade de libertar as colônias portuguesas etc.

Então, a fome é uma arma poderosíssima de destruição, destrói a mente, destrói as pessoas e ninguém consegue raciocinar tendo fome.

Por isso que, no primeiro dia da Independência em Cabo Verde, criamos um programa, que existe até hoje, com grande sucesso e que tem apoio mundial chamado Programa de Luta Contra a Pobreza. Só que a nossa luta contra a pobreza tem um aspecto diferente de outras lutas contra a pobreza.

Eu deixo para vocês o desafio de pensarem o que é melhor, não estou julgando, nem criticando nada, só estou dizendo aquilo que nós fizemos.

No programa de luta contra a pobreza não demos um quilo de leite, nem um quilo de arroz, nem um saco de açúcar e muito menos um pouquinho de milho para ninguém. Não demos absolutamente nada para ninguém.

Toda a ajuda alimentar que recebíamos, e era muito grande, a gente pegava essa ajuda e vendia-a através de uma empresa chamada Empresa Pública de Abastecimentos. Vendia essa ajuda para criar frentes de trabalhos, porque tínhamos como remunerar o trabalhador.

Então, em vez do camarada, ficar na porta da casa rezando por todos os deuses para comer alguma coisa a gente não. Você vai trabalhar. Você vai construir uma escola, uma igreja, um hospital, uma estrada, e nós vamos dar para você um salário.

Nós achamos que essa forma em Cabo Verde deu resultado porque nada melhor para um chefe de família chegar em casa e dizer para à esposa: “aqui está seu dinheiro para fazer comprar. Não comprar cachaça, é claro? Mas, sim, comprar o teu arroz, o teu milho e o teu feijão etc. É uma forma diferente.

Eu tive a oportunidade de fazer a viagem a Cabo Verde com o Presidente Lula. Uma das coisas que o encantou foi a forma que nós gerimos a pobreza e gerimos a fome em Cabo Verde.

Eu ousou vos dizer que nós não temos a fome endêmica em Cabo Verde. É muito difícil a gente encontrar alguém que não tomou qualquer coisa durante o dia. A gente diz: bom crioulo matar jejum não é?

Essa é a nossa situação nesse momento. O mais importante é dizer para vocês a maneira como foi solucionada a coisa.

Ouvi aqui que é bom criar as condições para que as pessoas possam assumir a cidadania. Acredito que não é cidadão uma pessoa que tem fome. Não é possível ele ser cidadão porque é fácil de manipular uma pessoa que tem fome. Basta dar um pedaço de pão.

Quanto aos recursos hídricos, todo mundo sabe que Cabo Verde está na frente de uma das maiores zonas secas do mundo, o Deserto do Saara. Apesar do nome Cabo Verde, o verde ficou lá atrás.

Tivemos a fúria do desmatamento, da agressão à natureza e Cabo Verde virou Cabo Seco: a água é um desafio muito grande.

Só que pegamos a desgraça que são a seca e água e transformamos isso na maior riqueza de Cabo Verde.

Sabe por que? Porque a seca trás um clima permanentemente quente e ventilado porque somos ilhas. Um clima maravilhoso por meio do qual atraímos os turistas. Primeiro, naturalmente, os portugueses; depois, os europeus (cinco horas de vôo de Paris, de Milão, de Amsterdã). Portanto, esses turistas europeus e, particularmente, os portugueses, italianos, franceses e belgas, acudiram Cabo Verde, fazendo o turismo uma dimensão já extremamente importante. O

turismo está se tornando o principal vetor de desenvolvimento do país com a contribuição do PIB.

Então a desgraça da seca foi transformada em riqueza: levar para Cabo Verde quem está em busca de sol, praia, mar, paz e democracia.

Como eu que fiquei 19 anos na Bélgica, onde chove trezentos dias por ano, imagine um belga quando chega a Cabo Verde? Como é que ele se esbalda para aproveitar um feriado prolongado em Cabo Verde.

E vocês vão perguntar; com a água? O que vocês fizeram?

Pegamos o dinheiro do turismo e da cooperação internacional e produzimos a água, porque é a única coisa que não nos falta. Temos mar por todos os lados. Portanto, fizemos a dessalinização da água do mar e com isso o desenvolvimento do país.

Portanto, a desgraça da seca foi, na realidade, o motor do turismo que hoje a gente tem. Um turismo tão importante que das nove ilhas habitadas - uma não o é - três têm aeroportos internacionais em funcionamento. Temos um quarto a ser inaugurado - já está pronto - até o fim do ano. Quatro aeroportos internacionais num paísinho que é menor que um bairro de São Paulo. É, assim, que nós trabalhamos.

Esse negócio do turismo, como todo mundo sabe, trás inconvenientes, que são os danos ao meio ambiente. Mas estamos nos prevenindo, desde já, formando profissionais competentes nesse setor e o governo está atento à proteção da natureza.

Temos um projeto, também, que é um pouquinho inspirado no vosso Projeto Tamar, porque as tartarugas que chegam lá, como acontece na Bahia, são as mesmas que vêm daquela região. Não é que temos o nosso Projeto Tamar em Cabo Verde!

Eu acho que abordei os quatro pontos que foram focados aqui e vocês vão me perguntar: como está Cabo Verde?

Cabo Verde continua sendo um enorme desafio, porque quando tomamos a independência, ninguém dava mais do que um ano de sobrevivência, porque todo mundo dizia que era uma teimosia. Não tinha absolutamente potencial algum.

Vocês imaginam o que é um país que só tem pedra, sem água, mais nada, sem ouro, sem diamante, sem petróleo, sem nada? Mas tínhamos o que era o mais importante, isto é, o que eu quero passar com esta mensagem: o caboverdeano. Fizemos a aposta no desenvolvimento desse homem.

A independência de Cabo Verde me custou dez anos como exilado político e me também minha juventude inteira perdida, as saudades etc. Mas tenho um grande orgulho de ter participado desse processo de independência e de pertencer a um governo que - e isso é muito importante – pautado, antes de mais nada, para a democracia.

Nós temos um simulacro de uma democracia perfeita dentro de toda a imperfeição de qualquer democracia, ou seja, todos os cargos são por votos direto, secreto e universal. Não discriminamos nada e ninguém.

Essa democracia nos garante outra coisa que é fundamental para o desenvolvimento de qualquer país: a paz. Temos paz, democracia, desenvolvimento reconhecido pela comunidade mundial, porque, no final do ano passado, Cabo Verde saiu da lista dos países chamados subdesenvolvidos. Entramos na lista dos PMAS que são os países menos avançados, que já é uma categoria superior.

Temos esse reconhecimento internacional da nossa liberdade econômica através da nossa adesão recente na Organização Mundial

do Comércio e continuamos a sustentar que é preciso o diálogo, a solidariedade e a fraternidade entre os povos.

É talvez com essa palavra de fraternidade que termino essa breve comunicação, dizendo que vocês do Rotary são realmente um exemplo dessa fraternidade.

Muito obrigado por tudo aquilo que vocês fazem em qualquer parte do mundo, inclusive em Cabo Verde .

Mais uma vez, obrigado!